Necessidade do "remédio amargo"

"E das economias desenvolvidas que terá de vir, em boa parte, a reação à presente crise." Esta foi a posição defendida pelo Brasil na reunião dos países devedores latino-americanos, em Caracas, Venezuela, na última sexta-feira.

O pensamento, levado pelo secretário geral do Ministério da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, à conferência apóia-se na premissa de que mesmo que os países latino-americanos tenham de aplicar ainda "uma grande soma de esforços e uma grande densidade de decisão política" para eliminar os componentes da atual crise. "Veremos que muitos daqueles fatores se situam fora do universo da atuação direta das economias latino-americanas, não sendo, portanto, suscetíveis de se modificarem por qualquer ação dos governos latino-americanos."

Com essas palavras, o representante do governo brasileiro deixa clara a intenção do País de continuar renegociando seus débitos externos isoladamente, descartando totalmente a possibilidade de formação de um cartel dos devedores. O pensamento do governo brasileiro já era conhecido e foi largamente reforçado pelo pronunciamento do secretário geral do Ministério da Fazenda, para quem "as economias mais desenvolvidas não são nossas adversárias, mas nossas parceiras".

Nóbrega procurou mostrar também o importante papel que os Estados Unidos podem ter na recuperação das nações endividadas. "Pensamos, por exemplo, que nos próprios elementos da crise podemos encontrar o estímulo à reativação de nossas economias através do comércio intra-regional, incluídos, naturalmente, os Estados Unidos. A contribuição que essa última nação poderá dar à recuperação do pleno emprego nas economias do hemisfério pode transformar esta crise em uma oportunidade histórica, capaz de acumular resultados que conduzam a soluções permanentes."

Em seu pronunciamento, Nóbrega expôs as linhas gerais do programa de ajustamento do Brasil — combate à inflação, através de cortes nos subsídios e gastos públicos e redução do déficit em conta corrente — que, médio prazo, deverá ampliar a participação do setor privado na

O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, Beryl Sprinkel, pediu aos países latino-americanos que usem o "remédio amargo" para reajustar suas economias a fim de superar a grave crise econômico-financeira da região.

Falando no encerramento da conferência de Caracas, Sprinkel advertiu que não se pode esperar que novos empréstimos, refinanciamento bancário ou assistência para o desenvolvimento "tenham um efeito duradouro, se as duras decisões políticas tardarem a ser adotadas".

Disse que os Estados Unidos — onde se localizam as principais instituições de crédito — não pretendem obrigar a América Latina a "tomar um caminho que nunca percorremos". Observou então que os países industrializados também enfrentam a dura necessidade de reajustar sua economia e já estão conseguindo progressos no controle da inflação e na reativação controlada de seu crescimento econômico.

economia e a elevação da poupança interna. Como consequência desses resultados descritos, poder-se-á esperar, também em médio prazo, "aumento de confiança no mundo dos negócios e, conseqüentemente, reativação da produção e do emprego", concluiu.

MAIS COMERCIO

O ministro Tarcísio Rocha, que participa da comitiva brasileira na Venezuela, informou que o ministro da Fazenda daquele país, Arturo Sosa, deverá visitar o Brasil ainda neste semestre, acompanhado de uma importante comitiva empresarial. A intenção é alargar o comércio entre os dois países. O chefe da Coordenadoria de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda disse, também, que está havendo uma boa aceitação por parte da Associação Venezuelana de Exportadores e da Federação das Câmaras de Comércio da utilização do convênio de créditos recíprocos como instrumento de pagamento que permita a expansão do comércio intra-regional.

Na sexta-feira, segundo informou Rocha, foi acertado um acordo entre a Interbrás e o Banco Industrial da Venezuela para a liquidação de uma dívida de US\$ 147 milhões referente a contrato de fornecimento de açúcar brasileiro, através da Interbrás.

Brasil destaca a força dos
EUA para recuperação